

Direitos Humanos, Coisa de Polícia

Boa tarde!!!

Quem sou, o que represento

Roberto Monte

Movimento cristão de resistência a ditadura militar, Comissão de Justiça e Paz, gente de Dom Hélder, Dom Paulo Evaristo Arns e Leonardo Boff

Coordeno o CDHMP

Conselho Estadual de Direitos Humanos

Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos

A partir da DHnet (está no jornalzinho), montei portais de direitos humanos para a SENASP – Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça

Militante dos Direitos e Desejos Humanos desde 1980 + 03 de política estudantil

Porque estou aqui

Falar francamente sobre tais assuntos, fazer algumas reflexões...

Contextualização

O Golpe militar de 1964 e o Estado de Direito

A Resistência Democrática

A Constituinte e a construção democrática

Desafio: Optar entre a Barbárie e a construção de um processo civilizatório

Sempre fomos: Capitães do mato, não esqueçam do Arraial de Canudos e o massacre ali ocorrido.

Não esqueçam que na cabeça de vocês foi introjetado a nefasta Lei de Segurança Nacional, coisa americano em delírios de guerra fria, pessoas como eu, com o que estou falando agora, éramos “inimigos interno”

- Lembrar que eu dei na semana passada aulas para a Secretaria da Defesa Social, englobando praças, cabos e sargentos, a convite do Secretário da Defesa Social, Francisco Glauberto

- Como filho de militar (meu pai é Coronel aposentado do exército, nasci no hospital militar de Aldeota, Fortaleza (CE), sempre achei estranho... Estava eu em Santo Ângelo, RS, em 1963...

- Há uma forte demanda reprimida, tencionamento muito forte, que acredito que aquela famosa matéria na revista Carta Capital aborda muito claramente

- Em contato com companheiros sargentos, tive a oportunidade de passar para eles o livro de Ricardo Balestreri intitulado Polícia: do Antagonismo ao Protagonismo, onde ali encontramos

13 Reflexões sobre Polícia e Direitos Humanos

01 – Cidadania, Dimensão Primeira

02 – Cidadão Qualificado pelo Serviço

03 – Pedagogo da Cidadania

04 – A Importância da Auto-Estima Pessoal e Institucional

05 – Polícia e “Superego” Social

06 – Rigor versus Violência

07 – Policial versus Criminoso

08 – A “Visibilidade Moral” da Polícia: importância do exemplo

09 – “Tica Corporativa” versus “Ética Cidadã”

10 – Critérios de Seleção, Permanência e acompanhamento

11 – Direitos Humanos dos Policiais – Humilhação versus Hierarquia

12 – Necessidade de Hierarquia

13 – A Formação dos Policiais

Ressaltar

- Há uma questão de paradigmas, trabalhar o início de novas coisas/mudanças

- Encontro com a história e a conjuntura, queiramos ou não, essa acontecerá!!!

- O Golpe e a ditadura militar de 1964 – Rever/estudar os erros para não mais cometê-los

- No campo interno das corporações, as normas internas não devem prevalecer sobre a lei e o estado de direito (Novamente Carta Capital)
- Até por uma questão psicológica, abordar os “fantasmas internos”
- O exército não é apenas o do Duque de Caxias, mas também de Luís Carlos Prestes (o Cavaleiro da Liberdade), Néelson Werneck Sodré, Carlos Lamarca e Apolônio de Carvalho, e de muitos e muitos outros, soldados, cabos, sargentos, oficiais superiores ou não.
- Há uma demanda reprimida, tencionamento muito forte, que acredito que aquela famosa matéria na revista Carta Capital aborda
- A necessidade de uma forte lufada de ar: Comissões de Direitos Humanos nas organizações Militares

Essa é uma boa coisa para pensar:

Criar Núcleos e Centros de Direitos Humanos para os militares de todas as armas e níveis, para integrarem o Sistema Nacional de Direitos Humanos, espécie de SUS (Sistema Único de Saúde) da Cidadania...

Estou disposto e motivado em ajudá-los neste aspecto, se for o interesse de vocês, fazer o elo entre o movimento dos direitos humanos e a caserna...

- Até porque não há como fugir, mudanças estruturais estão a caminho, a sociedade e a construção da democracia assim o exigem, mudanças que começam acontecer (na prática) no

Executivo
Legislativo
Judiciário
Ministério Público (ver 1988)

Nas Forças Armadas – mais profissional, tecnológico, pois vivemos no tempo do hard, soft e humanware

No meio dessas histórias temos muitos traumas, muita dor, muitas lágrimas e muitas injustiças.

É necessário para tudo isso um aprofundamento, um conhecer histórico para atingirmos o âmago do problema, dentro de um cunho eminentemente de identidade e construção do novo, que exige coragem e determinação.

Conhecer a história e o que aconteceu com Édson Neves Quaresma (menino pobre do alecrim), José Manuel da Silva (de Toritama, PE), a tortura e morte do sargento Manoel Raimundo Soares,, “ O caso das mãos amarradas”, no Rio Grande do Sul

Ou vocês já esqueceram o que aconteceu no Riocentro???

Sim, termos a coragem de discutir os mortos e os desaparecidos políticos, os assassinados pela ditadura militar, discutir a Guerrilha do Araguaia..

É necessário um re-encontro com a história. Olhar de frente, sem medo, preconceitos e subterfúgios

Não foi a toa que o Movimento pela Anistia começou pelas mulheres, Terezinha Zerbini, esposa do general Zerbini e continua hoje cada vez mais nas mãos das mulheres(esposas, companheiras) dos militares.

É preciso aprofundar tais questões, conhecer a história para não cairmos na tentação do ovo da serpente

Muito obrigado



www.dhnet.org.br